

Resumo: O artigo procura solucionar, com a ajuda da filologia Greco-semítica, algumas das dificuldades do relato joanino da aparição do Ressuscitado a Maria Madalena (Jo 20,11-18), especialmente o v. 17, cuja tradução usual levanta dificuldades insuperáveis. A tradução proposta pelo autor soluciona coerentemente essas dificuldades. Por que não acolhê-la e oficializá-la?

Abstract: The aim of the article is to apply philological resources available in Greek and Semitic languages to solve some linguistic and thematic difficulties of a text, extant in the Gospel of Saint John. The textual issues involved need some insight into the interpretation of the scene of the apparition of the Risen Christ in the presence of Mary Magdalene (Jo 20:11-18). The verse in question is that of verse 17, whose translation gives rise to some insurmountable difficulties. The translation suggested by the author offers a coherent solution to all of these difficulties. Thus why not adopt this solution from now on to be approved by the official instances of the Church?

“Não me toques” ou “Não me busques”? Uma nova tradução de Jo 20,17?¹

José Miguel Garcia Pérez*

Ney Brasil Pereira**

* José Miguel GARCIA PÉREZ é professor da Universidad San Dámaso, Madrid.

** Ney Brasil PEREIRA é professor da FACASC, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

¹ Tradução e síntese do artigo “La aparición de Jesús Resucitado a María Magdalena (Jo 20,11-18), publicado em “Estudios Bíblicos”, vol.73, ano 2015, cuad. 1, pp. 57-77.



Antes de tudo, reproduzo, na língua original, o resumo do artigo pelo próprio autor:

El artículo trata de solucionar con ayuda de la filología greco-semítica algunas de las dificultades que plantea el relato joánico de la aparición del Resucitado a María Magdalena (Jn 20,11-18). El autor destaca en la primera parte del artículo las dificultades del relato: v. 11 (María Magdalena junto al sepulcro), v. 12 (la aparición de dos ángeles), v. 16 (la reacción de María Magdalena) y v. 17 (las palabras de Jesús). En la segunda parte propone una lectura diferente de estos versículos, apelando al sustrato semítico de la tradición evangélica, donde las dificultades desaparecen.

Reproduzo também, traduzindo, a citação de C. H. DODD, que o autor apresenta no início do seu artigo:

Este relato (Jo 20,11-18) não proveio absolutamente de um depósito comum da tradição; tem uma impressionante originalidade. Encontramos, parece, ante duas alternativas. Ou se trata de uma composição livre e imaginativa, baseada na simples tradição de uma aparição a Maria Madalena, semelhante à apresentada por Mt 28,9-10, ou o relato chegou, através de um canal muito particular, diretamente da fonte, e o narrador estava suficientemente próximo para captar os matizes da experiência original. Seria arriscado dogmatizar. Não se pode negar o poder de refletir rasgos psicológicos imaginativamente com a convincente intuição de um escritor a quem devemos as caracterizações magistrais de Pôncio Pilatos e da Samaritana. Porém não posso evitar a impressão (não pode ser mais que uma impressão) de que esta perícopa possui alguma coisa de indefinivelmente genuíno. Em qualquer caso, está aí sozinha. Não há nada comparável nos evangelhos².

“No entanto”, continua o autor,

a maioria dos estudiosos reconhecem chamativas obscuridades e incongruências no relato, que põem em questão sua unidade e antiguidade. Por isso, apoiando-se nessas dificuldades, autores modernos identificaram um processo de elaboração complicado para esta passagem evangélica³.

² DODD, C. H. *La tradición histórica en el cuarto Evangelio*. Madrid: Cristiandad, 1978, p. 155.

³ GARCIA, art. cit., p. 58.



O autor divide seu artigo em duas partes: I. Obscuridades e incongruências do relato⁴; II. Uma hipótese de solução desde o substrato semítico⁵. Esta parte procede por versículos: “Maria junto ao sepulcro” (v.11); “A aparição de anjos” (v.12); “A reação de Maria Madalena” (v.16); “As palavras de Jesus” (v.17).

Como o problema maior se encontra justamente no v. 17, verdadeira “*crux interpretum*”, vou traduzir e sintetizar apenas as três páginas que o autor lhe dedica⁶. Ele reconhece que é “o versículo mais difícil da passagem”. E continua: “Começemos por aclarar a segunda metade da réplica de Jesus. Quanto ao advérbio de negação *óúpô*, ‘ainda não’, devemos fazer umas breves pontualizações. Antes de tudo, recordemos que este advérbio, nos LXX, aparece em quatro ocasiões traduzindo a simples partícula negativa *lo*’: Gn 15,16; Gn 29,7; Is 7,17; Ecl 4,3. [...] Ora bem, essa partícula hebraica, como sua correspondente aramaica, pode ser também o láméd enfático, escrito com láméd e álef. Trata-se em realidade de duas partículas distintas no significado, porém de grafia consonântica idêntica. Só assim podemos superar a estranheza da réplica de Jesus a Maria Madalena.

Desse modo, dando à partícula enfática o valor de “para sempre”, ou “certamente”, o original aramaico dizia aqui: “*Pois para sempre subiu ao Pai*”⁷. Neste original aramaico não havia nenhuma das estranhezas que perturbaram a tantos estudiosos. De fato, se “ainda não subiu” ao Pai, e seu corpo também não está no sepulcro, onde então se encontra Jesus “até que chegue a hora de subir ao Pai”? João não podia dizer aqui que Jesus “ainda não subiu ao Pai”, o que geraria a grande dificuldade de explicar que tipo de estado é o que Jesus teria ao sair do sepulcro. Em parte alguma se sugere que Jesus ressuscitado permaneça na terra ou alhures “até que chegue a hora de subir ao Pai”. Tal concepção da ressurreição, que é contrária à confissão de fé mais primitiva, a qual faz coincidir a ressurreição com a glorificação/exaltação de Jesus, não é absolutamente a do quarto evangelho. No original semítico se dizia

⁴ Id., *ibid.*, pp. 58-68.

⁵ Id., *ibid.*, pp. 69-75.

⁶ Id. *ibid.*, pp. 73-75.

⁷ É o mesmo caso, diz o autor, da estranha réplica de Jesus à sua mãe no relato de Caná, em Jo 2,4: o gr. *óúpô* seria uma tradução desafortunada de um láméd enfático no aramaico... o que poderíamos discutir, mas não é o caso aqui. Em todo caso, veja-se o artigo de VANHOYE, A., “Intérrogation johannique et exégèse de Cana (Jn 2,4)”, *Bib* 55 (1974), pp. 157-167.



com toda a clareza que Jesus, ressuscitando, subiu ao Pai. Vê-se assim com clareza que João não tem da ressurreição uma concepção diferente da que lemos no restante do Novo Testamento: Jesus ressuscitado é o Jesus exaltado à direita de Deus, aquele que subiu aos céus. E não podia ser diferente.

Quanto à primeira parte da réplica, “*não me toques*”⁸, o que logo se estranha é que João não fez qualquer alusão a algum movimento de Maria querendo abraçar ou tocar em Jesus. A seguir, recordemos que, até em dicionários gregos manuais se especifica que o verbo *háptomai* significa “tocar” e “pegar”⁹. Nos próprios evangelhos temos uma prova do segundo significado desse verbo. No relato da cura da sogra de Pedro, Marcos diz que Jesus curou-a “pegando-a pela mão”, em gr. *kratêsas tês cheirós*, lit. “pegando a mão [dela]” (Mc 1,31). Ora, o paralelo de Mateus (Mt 8,15), para dizer exatamente a mesma coisa, escreve: *kai hêpsato tês cheirós autês*. É claro que o verbo aqui empregado por Mateus significa “pegar”, embora em outros contextos possa significar “tocar”. Da mesma forma, no relato da aparição de Jesus às mulheres, Mateus diz que elas *ekratêsan autoû tous podas*, isto é, pegaram, abraçaram, seus pés (Mt 28,9). É muito provável que o responsável pelo texto grego de João, ao pôr nos lábios de Jesus *mê mou háptou*, tenha pensado nesse gesto.

Porém, antes de tirar de tudo isso qualquer consequência para traduzir a primeira parte da réplica de Jesus, devemos recordar outra peculiaridade do hebraico e do aramaico. Nestas línguas, o imperfeito pode ter valor de imperativo, não só nas terceiras pessoas, mas também nas segundas, apesar de para estas existir o modo especial do imperativo. Por outro lado, tenha-se em conta que no hebraico e no aramaico os imperfeitos podem conter a ideia de “poder, dever, querer fazer”¹⁰. Dessa forma, podemos supor que no original aramaico destas palavras de Jesus a Maria o imperfeito do verbo “pegar” não tinha valor de imperativo, como o interpretou o responsável pelo texto grego, mas o de um verdadeiro imperfeito, porém com o matiz de “poder”. Assim, o original semítico

⁸ Na Bíblia da CNBB: “não me segures”; na BJ: “não me toques”; na Almeida Século XXI: “não me segures”; na Nova Bíblia Pastoral: “não me detenhas”; na Bíblia da Conferência Episcopal Espanhola: “*no me retengas*”; na Bíblia da Conferência Episcopal Italiana: “*non mi trattenere*”; BROWN, R.E., no Comentário: “*don't cling to me*”; MATEOS, J.; BARRETO, J. no Comentário: “*solta-me*” (!); na Nova Vulgata: “*jam noli me tenere*”...

⁹ Em espanhol, *coger*: colher, pegar, apanhar, buscar...

¹⁰ Cf. JOUON, P. *Grammaire de l'hébreu biblique*. Rome: Institut Biblique Pontifical, 1947, parágrafo 111 g, 113 n.



de toda a réplica de Jesus a Maria, que fizera menção de buscá-lo onde o “jardineiro” o tivesse levado, deve ter sido: *Não poderás buscar-me – ou, “não me busques” – pois definitivamente subi ao Pai.*

O evangelista João, cuja língua materna era o aramaico, fez Jesus falar aqui utilizando um linguajar joanino: Ele fala de sua volta ao Pai, de sua ascensão, em lugar de utilizar o verbo “ressuscitar”. E ainda, as palavras de Jesus a Maria Madalena aqui, utilizando um vocabulário de ascensão, dizem o mesmo que o anjo havia dito às mulheres segundo o relato sinótico: Não podem encontrar Jesus no sepulcro porque “*Ele ressuscitou, não está ali*”. Por outro lado, não devemos minimizar o fato de que, com essas palavras, Jesus replica a Maria respondendo ao que ela lhe havia dito quando pensava que ele fosse o jardineiro: “Se tu o levaste, *dize-me onde o colocaste, e eu o buscarei*”. Maria não poderá “*buscá-lo*”, por que Jesus não está mais em lugar algum da terra senão “na casa do Pai”, de onde viera e para onde retornara.

Finalmente, é preciso acrescentar breve esclarecimento sobre o verbo *anabainô* com o qual Jesus inicia a mensagem que Maria há de levar aos discípulos: “*Eu subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus*”. O tempo presente do verbo “subir” foi seguramente escolhido pelo responsável pela versão grega, para harmonizar adequadamente esta frase com a anterior, a qual, segundo sua versão, dizia: “Ainda não subi ao Pai”. Se, de fato, “ainda não” havia subido, podia falar em um presente indicador de futuro próximo: estava a caminho de subir... Quanto a nós, podemos com segurança supor que o presente *anabainô* responde ao particípio ativo da *forma peal* do verbo *slq*. Como é sabido, o particípio aramaico não indica apenas o tempo da ação que representa. Esse tempo deve deduzir-se do contexto. [...] Se no original aramaico da frase Jesus dizia que tinha subido ao Pai para sempre, é natural que, atendo-nos também ao aramaico, Ele mande Maria dizer aos apóstolos que “*eu subi ao meu Pai e vosso Pai, ao meu Deus e vosso Deus*” (final do v. 17).

Segue a **conclusão do autor**¹¹: “A versão que oferecemos, do relato, levando em conta seu substrato aramaico, manifesta uma unidade harmônica, sem indícios de ruptura ou retoques do redator para ‘combinar materiais heterogêneos’ (Brown) nem tampouco vestígios da utilização de um material evangélico semelhante ao que temos nos sínó-

¹¹ GARCIA, J. M., art. cit., pp. 75-77.



ticos (Beasley-Murray). Depois do nosso estudo, temos que confirmar a ‘impressão’ de Dodd ante esta passagem evangélica¹²: estamos ante um relato testemunhal; a fonte de informação do evangelista seguramente foi a própria Maria Madalena. Lida desde o original aramaico, a narração apresenta uma vivacidade e realismo extraordinários”. [...]

Mais. Os relatos pascais não são inventados, não surgem de uma imaginação ou sugestão. Como diz Wright: ‘A intenção de João é que as narrações se entendam de maneira realista e literal. Evidentemente, também quer que se escute nelas toda classe de ecos e ressonâncias... mas esses ecos e ressonâncias são produzidos por uma descrição literal de uma série concreta de acontecimentos¹³. [...] Os múltiplos significados desses relatos são multiplicações da ideia básica e, como em toda multiplicação, não se pode começar do zero. O autor crê que estas coisas sucederam. Os indícios assinalam que qualquer das fontes que eles possam ter usado também assim pensavam¹⁴.

Relido o relato da aparição de Jesus a Maria Madalena em sua versão primitiva aramaica, sente-se a alegria de assistir ao mesmo tempo a acontecimentos simples, plenamente terrenos, no meio dos quais teve lugar a mais esplêndida das manifestações celestes. E assim se encerra o evangelho de João com um relato excepcional, no qual os ouvintes ou leitores mais simples podem apalpar e viver com toda a plenitude o mistério que ele expressou com linguagem teológica no prólogo: *E a Palavra se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1,14).

De resto, no relato da aparição a Maria Madalena, como nos outros relatos de aparições pascais, faz-se manifesto que a ressurreição de Jesus não é um mero voltar à vida, mas um entrar na glória do Pai; o Ressuscitado é o Glorificado. Ele já não pertence a este mundo, mas ao reino celeste. Por isso, só pode ser visto e reconhecido na medida em que Ele mesmo se manifesta, se faz ver. Só mediante a visão do Ressuscitado é que Maria Madalena compreende o que verdadeiramente sucedeu no túmulo: o corpo desapareceu não por ter sido roubado, mas porque Jesus subiu ao céu, para junto do Pai. O encontro do túmulo vazio, por si só, é ambíguo, embora seja um requisito totalmente necessário para se poder afirmar a ressurreição de Jesus. Ora bem, voltando à glória do Pai, Jesus

¹² Cf. início do artigo.

¹³ Costumo dizer, em minhas aulas, que João, se é o mais “espiritual” (cf. CLEMENTE de Alexandria) dos quatro evangelistas, é também o mais “encarnacional” deles.

¹⁴ WRIGHT, N. T. *La resurrección del Hijo de Dios: Los Orígenes cristianos y la cuestión de Dios*. Estella: Verbo Divino, 2008, p. 822.



restabeleceu a união entre Deus e o ser humano: Jesus ressuscitado nos reconciliou com o Pai; introduziu-nos, a nós, seus irmãos, na “família” divina.

Conclusão

Diante do exposto, não tenho como não acolher a proposta de José Maria GARCIA que restitui, parece-me, o sentido original de Jo 20,17, solucionando as conhecidas dificuldades do texto grego “recebido”, e interpretando-o de modo coerente com a cristologia do Discípulo Amado. O calcanhar de Aquiles da proposta está na reconstituição do suposto substrato aramaico. Como prová-lo convincentemente? Em todo caso, assim como está, o texto atual tem resistido a todas as tentativas de uma interpretação adequada e, pelo contrário, tem-se prestado a comentários até inconvenientes. Como o artigo é recente, vejamos como reagem os exegetas e filólogos¹⁵. Espero que a concordância deles nos brinde com a “canonização” do novo texto, o qual ficaria assim: *“Não me busques [ou: Não podes buscar-me], pois já subi para junto do Pai. Mas vai dizer aos meus irmãos: ‘Eu subi para junto do meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus’”*.

E-mail do coautor:

ney.brasil@itesc.org.br

¹⁵ A propósito, GARCIA cita uma advertência de CARMIGNAC, J.: “Posto que uma boa teologia supõe uma boa exegese e uma boa exegese supõe uma boa filologia, a solidez das bases filológicas é a garantia indispensável das exposições exegeticas e teológicas” (in *Recherches sur Le Notre Père*, Letouzey & Ané, Paris, 1969, p.6).